



Relato de Experiência

Projeto Vale Sonhar como instrumento de educação sexual nas escolas públicas de São Paulo

Vale Sonhar Project as sexual education instrument in São Paulo public schools

Patrícia Vieira Antoniassi¹, Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda²

Universidade Federal do ABC (UFABC), Santo André-SP, Brasil

Resumo

O Projeto Vale Sonhar foi inserido no Currículo do Estado de São Paulo em 2008 e teve suas atividades incluídas no material didático de Biologia de primeiro ano do ensino médio. Este artigo tem como objetivo analisar a contribuição deste material para a prática de Educação Sexual Emancipatória na Educação Básica, a partir da realização das oficinas do *kit* educativo, com uma turma de 1º ano do Ensino Médio, durante as aulas de Biologia. Em seguida, pretende-se apontar limites e propor alterações como forma de superar as dificuldades encontradas e ampliar o potencial formativo desta ação didática. O Projeto Vale Sonhar constituía um importante espaço curricular destinado à temática, no entanto, apresenta limitações como o longo tempo necessário para sua execução, que impacta na diminuição do aspecto lúdico e inviabilidade em um contexto de currículos extensos e poucas aulas semanais de Biologia. Percebemos a importância da inserção das dimensões psicológicas e socioculturais nas oficinas, questionamos a ausência de menção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e apontamos para alguns problemas nas atividades propostas. Neste sentido, sugerimos algumas alterações nas oficinas, buscando trabalhar, além da prevenção da gravidez, temas que não eram abordados neste material, como elaboração do projeto de vida, a prevenção de IST, diversidade e violência sexual. Esperamos, assim, oferecer recursos para que os docentes de Biologia incluam em suas aulas o Projeto Vale Sonhar, trabalhando a Educação Sexual com seus alunos de forma integral, contemplando também aspectos psicológicos e socioculturais e a reflexão sobre o projeto de vida.

Abstract

The Vale Sonhar Project was inserted in São Paulo's state curriculum in 2008. Its activities were included in the first grade high school Biology's program. This article aims to analyze this material's contribution to the emancipatory practice in basic education from the realization of the educational kit's workshops with a first grade high school class, during Biology classes. Then, limits were pointed out and changes were proposed as a way to overcome the difficulties encountered and to amplify the formative potential of this didactic action. The Vale Sonhar Project is an important curricular space for the subject; however it presents limitations such as the long time necessary for its execution which impacts on the decrease of the playful aspect and unfeasibility in a context of extensive curricula and few weekly Biology classes. The insertion of the psychological and sociocultural dimensions

¹ Professora de Biologia da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1416-1687> E-mail: pattyvieira@gmail.com

² Professora Associada no Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do ABC, na área de Ensino de Biologia. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0210-3818> E-mail: meiri.miranda@ufabc.edu.br

importance in the workshops was perceived, the absence of Sexually Transmitted Infections mention was questioned and notes were made for some issues in the proposed activities. In this sense, some changes in the workshops were suggested, besides the pregnancy prevention, in order to talk about topics that were not addressed in this material such as life project design, prevention of Sexually Transmitted Infections, diversity and sexual violence. Therefore it is hoped the provision of resources so that Biology teachers include in their classes The Vale Sonhar Project, working sex education with their students in a comprehensive way also achieving psychological and sociocultural aspects and an effective reflection of their life projects.

Palavras-chave: Material didático, Educação sexual, Gravidez na adolescência, Projeto de vida.

Keywords: Educational Material, Sex education, Teen pregnancy, Life plan.

1. Introdução

O Projeto Vale Sonhar (PVS) foi desenvolvido pelo Instituto Kaplan para apoiar os educadores nas aulas de sexualidade, com especial enfoque para a prevenção de gravidez na adolescência (KAPLAN, 2016). Através da parceria do Instituto Kaplan com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, as oficinas do Projeto Vale Sonhar foram inseridas no Currículo de Biologia da rede estadual, em 2008. O material foi distribuído para as escolas estaduais e suas atividades foram incluídas nos Cadernos do Professor e do Aluno do componente curricular Biologia, no primeiro ano do ensino médio, de 2008 a 2018, tornando-se uma importante ferramenta disponível aos professores para trabalhar a Educação Sexual (ES).

Segundo informações do Instituto Kaplan (2016), mais de 700 mil jovens foram beneficiados com as oficinas do Vale Sonhar. Essa ampla distribuição do projeto deve-se, especialmente, à parceria com Secretarias de Educação dos estados de São Paulo, Alagoas e Espírito Santo.

O PVS é constituído por três oficinas com duração prevista de 1 hora e meia cada uma (VALE SONHAR, 2007). O *kit* educativo é composto por três caixas com os materiais específicos de cada uma das oficinas, tais como cartas de perguntas e respostas, jogo de tiro ao alvo, bexigas e figuras do sistema reprodutor humano.

A primeira oficina parte de uma reflexão dos alunos acerca de seus sonhos profissionais. A ideia é fazer com que os alunos entendam que uma gravidez neste momento da vida poderia atrapalhar a realização destes sonhos. A segunda oficina aborda as práticas sexuais e o risco para gravidez. A última oficina trabalha os métodos contraceptivos, com enfoque para o preservativo masculino e a pílula do dia seguinte.

Este trabalho foi parcialmente apresentado em Vieira-Antoniassi e Miranda (2016) e é parte de uma pesquisa realizada pela primeira autora para a dissertação de mestrado, com o objetivo de analisar a Educação Sexual proposta no currículo de Biologia do primeiro ano do Ensino Médio das escolas estaduais de São Paulo, em especial quanto à inserção do Projeto Vale Sonhar. Para isso, fizemos uma análise tanto da inserção do material no Currículo, quanto do PVS como estratégia didática para a ES.

Este artigo tem como objetivo analisar a contribuição do Projeto Vale Sonhar para a prática de Educação Sexual Emancipatória na Educação Básica, a partir da realização das oficinas do *kit* educativo, com uma turma de 1º ano do Ensino Médio de uma escola estadual da região metropolitana de São Paulo, durante as aulas de

Biologia. Em seguida, pretendemos apontar limites e propor alterações como forma de superar as dificuldades encontradas e ampliar o potencial formativo desta ação didática.

2. Referencial Teórico

Neste trabalho, partimos da compreensão de sexualidade “[...] como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais [...]” (FIGUEIRÓ, 2014, p. 48). Esta visão implica reconhecermos que a sexualidade abrange, para além da dimensão biológica, as dimensões psicológica e sociocultural (GREENBERG; BRUESS; OSWALT, 2014). Assim, a Educação Sexual, como afirma Werebe (1998), acontece a todo o momento, pois significamos e vivenciamos a sexualidade tendo como base nossos contextos, tudo o que vimos, ouvimos e aprendemos em nossa vida em sociedade.

No âmbito escolar, educar em sexualidade é “[...] criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos [...]” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 7). Em concordância com esta autora, adotamos uma abordagem emancipatória da Educação Sexual que, para Nunes e Silva (2006, p. 17), privilegia:

A formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora.

Para tanto, o educador precisa sair da sua zona de conforto, uma vez que esta abordagem “[...] busca desalojar certezas, desafiar debates e reflexões, posturas fundamentais na busca do desenvolvimento pessoal do ser humano como um ser corporificado, sexuado, contribuindo na busca de cidadania para todos.” (MELO, 2011, p. 49).

Neste sentido, reforçamos a importância das iniciativas de formação inicial e continuada para o trabalho com o tema, bem como a existência de materiais didáticos que subsidiem a ação docente.

Segundo dados do IBGE, a taxa de fecundidade no Brasil, em 2014, foi de 1,74 filhos por mulher (BRASIL, 2015). Dados recentes apontam que, nos últimos anos, a participação da taxa de fecundidade das adolescentes vem diminuindo, entretanto, ainda é bastante elevada, correspondendo a 18,4% em 2004 e 17,4% do total das gestações em 2013. O relatório ‘Acelerar el progreso hacia la reducción del embarazo en la adolescência en América Latina y el Caribe’ (OPS; UNFPA; UNICEF, 2018) registra uma taxa de 68,4 bebês nascidos a cada mil meninas de 15 a 19 anos, no Brasil, para o período de 2010 a 2015. Apesar de estar em queda, se comparado com períodos anteriores, este número é acima da taxa para a América Latina e Caribe (66,5 bebês) e bem superior ao número mundial (46 nascimentos).

Segundo este relatório, não existe uma causalidade única para estas altas taxas de gestação entre adolescentes de 15 a 19 anos. Muitos fatores podem estar relacionados, desde o desconhecimento sobre saúde e direitos sexuais e reprodutivos, em função de uma educação sexual familiar e escolar falha, acesso limitado a métodos contraceptivos e acompanhamento médico, a compreensão da maternidade como uma forma de ascensão social e cumprimento de expectativas em torno do papel da mulher na sociedade, bem como inúmeros casos podem ser resultado de atos de violência sexual.

Em estudo realizado por Chalem et al. (2007), foi observado que, em um hospital público da periferia da cidade de São Paulo, 24,4% das internações no centro obstétrico eram de meninas de 10 a 19 anos, e destas, 18,6% afirmaram que a gravidez havia sido planejada. Esses dados mostram que a gravidez na adolescência, diferentemente do que aponta o senso comum, muitas vezes é desejada e planejada. Frente a esses dados, é preciso refletir as razões pelas quais um número tão significativo de meninas opta por ou se torna mãe tão cedo. Para Yazlle (2006), por exemplo, há alguns fatores de predisposição para a gravidez na adolescência, entre os quais: ausência do pai, baixa autoestima, dificuldade na escola, problemas na comunicação familiar, violência física, psicológica ou sexual. A partir dessa reflexão, é importante planejar um trabalho de Educação Sexual junto a essas jovens a fim de que elas percebam outras possibilidades de realização pessoal para este momento da vida.

Concordamos com Bonfim (2012) ao afirmar que a Educação Sexual pode contribuir para a diminuição da gravidez na adolescência e a transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) entre os jovens. Cabe aqui uma reflexão acerca da forma como a ES tem sido realizada nas escolas, de forma que a dimensão biológica e informativa da sexualidade é praticamente a única a ser trabalhada, com enfoque em prevenção de gravidez e IST pela utilização de preservativo. Ora, se essa temática é recorrente, então o que justifica o número elevado de meninas que engravidam ainda adolescentes?

Uma primeira conclusão é que apenas a informação não é suficiente, falta uma abordagem mais ampla da sexualidade, que leve à reflexão no momento da tomada de decisões. O PVS é uma “[...] metodologia que aborda o sonho como motivador da prevenção de gravidez não planejada na adolescência.” (VALE SONHAR, 2007, p. 30). Como apontado por Furlani (2011, p. 142), este material inova devido “[...] ao tipo de reflexão proporcionada aos jovens, ou seja, os efeitos de uma gravidez sobre suas vidas.” E, neste sentido, procuramos aqui analisar esta proposta à luz dos referenciais teóricos de educação sexual emancipatória.

3. Metodologia

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada em uma escola estadual localizada na região metropolitana de São Paulo, Brasil. Como já foi mencionado anteriormente, o Projeto Vale Sonhar teve suas atividades inseridas no currículo do primeiro ano do Ensino Médio, entre os anos de 2008 e 2018. Para a pesquisa, selecionamos uma turma que apresentava uma boa frequência às aulas. Esta era composta por 38 alunos, sendo 17 meninos e 21 meninas, com idades entre 14 e 17 anos. Não havia naquela turma alunas gestantes e nenhum aluno referiu ter filhos.

Para a realização desta pesquisa, foram tomados todos os cuidados éticos. O trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade.

O livro do professor e os materiais do *kit* do PVS foram, em um primeiro momento, analisados de forma descritiva, com foco em sua composição e regras dos jogos. Em seguida, foi realizada uma análise dos materiais tendo em vista os seguintes aspectos: estratégias didáticas utilizadas, dimensões da sexualidade, questões de gênero, rigor conceitual e científico e questões práticas da realização da atividade.

Durante a realização da pesquisa, os alunos participaram das oficinas do Projeto Vale Sonhar, conforme previsto no Currículo do Estado de São Paulo e no

material de apoio ao professor. A turma tinha duas aulas de Biologia por semana, em dias diferentes. No decorrer das aulas, os alunos produziram diversos materiais escritos, previstos como avaliações de cada uma das oficinas: responderam questionários, produziram cartazes e escreveram cartas. Para preservar a identidade dos alunos, optamos por utilizar códigos da seguinte forma: A1 (aluno 1), A2 (aluno 2), assim por diante, não mantendo relação com o número de chamada do aluno.

Esses materiais foram analisados por meio da Análise de Conteúdo. Bardin (1977) afirma que a partir da Análise de Conteúdo é possível ultrapassar os níveis mais superficiais do texto. Para a autora, a principal pretensão deste tipo de análise está na possibilidade de oferecer técnicas precisas e objetivas que garantam a descoberta do verdadeiro significado do texto. Segundo a autora, a análise de conteúdo organiza-se em três polos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise teve início por uma leitura flutuante dos materiais produzidos pelos alunos nas três oficinas. Bardin (1977) apresenta a regra da exaustividade, na qual deixa clara a necessidade de conhecer todos os elementos do material e a regra da homogeneidade, relativa aos documentos, que aponta para a necessidade de homogeneidade de técnicas e de indivíduos analisados. No nosso caso, os documentos foram solicitados da forma como eram propostos no material do PVS. O grupo poderia, em determinados aspectos, ser considerado homogêneo: adolescentes com idade entre 14 e 17 anos, alunos de primeiro ano de uma mesma escola estadual. Após a leitura exaustiva dos documentos, partimos para a referenciação dos índices e elaboração dos indicadores.

A etapa seguinte foi a codificação, o tratamento deste material. Emergiram, aqui, as unidades de registro, que podem ser palavras, frases ou temas. Essa unidade de registro visa à categorização. A categorização foi feita com o objetivo de “[...] fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos.” (BARDIN, 1977, p. 119). Para a codificação, agrupamos respostas, comentários e palavras (unidades de registro) semelhantes, que serão apresentadas mais adiante.

4. Análise das Oficinas

Primeira Oficina: O Despertar para o Sonho

Para a realização desta oficina, seguimos as orientações do livro do professor, conforme o roteiro apresentado no Quadro 1. Para esta e para as outras oficinas, as atividades são divididas em: Aquecimento, Ação do Jogo, Compartilhar e Avaliação. O tempo previsto de duração da oficina é de 1 hora e 30 minutos, o que equivale a duas aulas. Entretanto, foram necessárias três aulas para realizar todas as atividades propostas.

Fazendo-se uma análise das oficinas e de aspectos que são percebidos mais claramente após a realização das atividades com os alunos, podemos destacar alguns pontos importantes, como as estratégias didáticas utilizadas, as dimensões da sexualidade mais abordadas, a abordagem das questões de gênero, os materiais e algumas sugestões para a realização da oficina.

Quadro 1: Descrição da Oficina “O Despertar para o Sonho” do Projeto Vale Sonhar.

Objetivo	Propiciar a identificação do sonho e o impacto da gravidez não planejada na adolescência no projeto de vida.
Composição	1 bloco de fichas com perguntas; um pacote de fichas que simulam testes de gravidez; 1 livreto “Viagem ao Futuro” e um pacote com 50 bexigas.
Aquecimento	Leitura da frase: “O sonho é próprio de todos nós. Não há nenhuma realidade sem que antes se tenha sonhado com ela”. Momento de reflexão e preenchimento do lado A da ficha, respondendo à pergunta: Qual é o meu sonho de vida profissional? Sorteio dos testes de gravidez e distribuição das bexigas para simular a barriga, no caso de resultado positivo.
Ação do Jogo	Leitura da história “Viagem ao Futuro”. Os alunos são convidados a imaginar-se em uma máquina do tempo e viajar para o futuro. Com o passar dos anos são lidas algumas perguntas como: “Você estuda ou trabalha?”, “Você está fazendo alguma coisa para realizar seu sonho?”. Os alunos que sortearam os testes positivos devem imaginar que engravidaram na adolescência e imaginar o futuro a partir deste momento. Em seguida, os alunos devem responder ao lado B da ficha, referente à viagem e à realização do sonho. Os alunos são divididos em quatro grupos (dois de meninas, dois de meninos) para discutir as consequências da gravidez na adolescência para cada sexo. Os resultados da discussão devem ser escritos em um cartaz e apresentados aos outros grupos.
Compartilhar	Neste momento, os participantes que viajaram “grávidos” (meninas e meninos) são convidados a falar sobre sua experiência. O professor deve finalizar esta etapa apontando as desvantagens da gravidez nessa fase da vida.
Avaliação	Os alunos devem escrever uma carta a um amigo aconselhando-o a evitar a gravidez na adolescência.

Fonte: elaboração das autoras a partir das orientações presentes no livro do professor que acompanha o *kit* (VALE SONHAR, 2007).

As estratégias didáticas utilizadas nesta oficina são: simulação, discussão em grupo e produção de materiais escritos (cartaz e carta). Analisando esta oficina à luz das dimensões da sexualidade propostas por Greenberg, Bruess e Oswalt (2014), é possível identificar, além da biológica, as dimensões sociocultural e psicológica, que possibilitam uma prática educativa mais significativa e contextualizada.

Com relação às questões de gênero, entendemos que a proposta é heteronormativa e procura enfatizar as diferenças de consequências da gravidez na adolescência para meninas e meninos. Por outro lado, esta atividade permite discutir os papéis sociais esperados para cada gênero, sendo que esse viés da discussão vai depender bastante da mediação do professor. Um ponto que podemos destacar também é a questão dos “meninos grávidos”, estratégia interessante, que traz para os garotos a responsabilidade da paternidade.

Para a análise dos documentos produzidos pelos alunos durante as atividades, é importante retomar o objetivo desta oficina. Essa é a oficina do PVS mais rica em materiais produzidos pelos alunos: as fichas individuais, os cartazes e as cartas. Optamos, por conta disso, em fazer uma análise mais aprofundada destes documentos, por meio da análise de conteúdo, seguindo os procedimentos descritos anteriormente. Analisando as fichas individuais emergiram, preliminarmente, as categorias: sonho, concepções da gravidez na adolescência e riscos do sexo desprotegido.

A categoria sonho está diretamente relacionada ao sonho profissional dos adolescentes. Atribuímos este fato à pergunta que o jogo traz logo no início da oficina: “Qual é o meu sonho de vida profissional?”. Entendemos que esta pergunta poderia ser mais abrangente, de modo que não enquadrasse apenas a vida profissional do indivíduo, mas outras áreas da vida, como a social, amorosa, financeira, familiar, emocional e espiritual. Com isso poderíamos fazer com o que o

aluno refletisse com muito mais profundidade em como gostaria que fosse sua vida, e, ao imaginar uma gestação não planejada neste percurso, iria fazê-lo de modo muito mais complexo e próximo da realidade.

No mais, não nos parece adequado levar toda a discussão das consequências da gravidez na adolescência para o âmbito profissional. Especialmente porque esta situação traz conflitos emocionais e de relacionamentos com a família, o/a parceiro/a e os/as amigos/as e que precisam ser colocados em reflexão e discussão.

Esclarecido isto, podemos partir para as subcategorias do sonho que aqui emergiram: ausência do sonho profissional (apenas dois alunos), ausência do desejo explícito de cursar graduação ou curso técnico, sonho de ser um profissional que precisa ter graduação ou curso, a fé como fator preponderante para a realização do sonho, a construção da família e, ainda que a pergunta tivesse se referido ao sonho de vida, a importância do apoio dos pais para a realização do sonho (Quadro 2).

Quadro 2: Resultado da análise das respostas dos alunos à pergunta “Qual é o meu sonho de vida profissional?”.

Subcategoria	Respostas*
Ausência do sonho profissional	"[...] eu nunca parei para pensar no assunto" (A1). "[...] eu ainda não sei o que me agradaria" (A2).
Ausência do desejo explícito de cursar graduação ou curso técnico	"Continuar os negócios dos meus pais [...]" (A3). "[...] ser um jogador de futebol [...]" (A4). "[...] é ser fotógrafa [...]" eu odiaria trabalhar em uma coisa que eu não gosto" (A5).
Sonho de ser um profissional que precisa ter graduação ou curso técnico	"O meu sonho de vida profissional é seguir a carreira de psicologia" (A6). "Meu sonho é ser analista de sistemas [...]" (A7). "Eu quero ser pediatra [...]" (A8).
Fé para a realização do sonho	"[...] e o que facilitou o meu sonho foi minha determinação e minha fé" (A7). "Dificuldade 'agente' tem 'mais' no sonho parecia ter 'cido' mais fácil quando eu for é só ter fé e acreditar" (A4).
Construir uma família	"[...] por fim conheci uma garota canadense e 'construí' minha família" (A7). "[...] trabalhei muito sempre de forma honesta para sustentar minha esposa e minha filha [...] consegui dar a volta por cima e dar uma vida de qualidade para minha família" (A9).
Importância do apoio dos pais para realização do sonho	"O que facilitou foi a ajuda de meu pai com os estudos [...]" (A10). "O apoio da minha família, pois se eles tivessem, por exemplo, me expulsado de casa, teria dado tudo errado" (A5).

Fonte: elaboração das autoras. *As respostas dos alunos foram transcritas literalmente, sem correções para adequá-las à norma culta da língua portuguesa.

Ficou em evidência nas respostas dos alunos a necessidade de apoio dos pais e da família para a realização dos sonhos. Além disso, alguns alunos relataram a importância da fé e da força de vontade para que os sonhos sejam realizados. As duas situações apontam, no nosso entendimento, para a necessidade de trazer para a sala de aula a questão do Projeto de Vida, de forma que os alunos busquem se conhecer, pensar no futuro, não como algo que o “destino” vai resolver, mas algo próprio, que precisa ser construído ao longo da vida. Os adolescentes precisam tomar conhecimento de como trilhar o caminho para a realização dos sonhos ou poderão ficar fadados à frustração quando adultos.

O Projeto Vale Sonhar apresenta um papel importante, além de trabalhar a prevenção da gravidez na adolescência, pois abre portas para esta reflexão acerca do sonho, que precisa ter lugar na escola. Concordamos com Nascimento (2006, n.p.), ao afirmar que,

As representações sociais de adolescentes sobre seus Projetos de Vida abrem caminhos para se pensar: na responsabilidade de estimular o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva e do aprender a fazer dos adolescentes; na importância de políticas públicas e educacionais que possibilitem ações nesse aspecto.

A segunda categoria que emergiu durante nossa análise dos dados foi a de concepções e consequências da gravidez na adolescência (Quadro 3). Dentro desta categoria, temos as subcategorias: um/a filho/a impede ou dificulta a realização do sonho, um/a filho/a facilita a realização do sonho, vida social e relacionamentos, apoio da família, responsabilidade do pai da criança, aborto, planejamento e adoção.

As cartas, as fichas e os cartazes, em sua maioria, retratam a gravidez na adolescência como um problema, algo que prejudica os estudos e a realização dos sonhos, que atrapalha a vida social, impede o adolescente de sair com amigos e causa grandes problemas em suas famílias, os meninos terão que trabalhar para sustentar a criança, as meninas podem ser expulsas de casa e/ou podem ter que abortar.

No entanto, será que há apenas consequências negativas de uma gravidez na adolescência? Segundo Dias e Teixeira (2010), a resposta a esta pergunta é não. Para as autoras, a gravidez na adolescência,

[...] pode ser desejada pelas jovens, pois é tida como uma via de acesso a um novo estatuto de identidade e de reconhecimento através do papel materno. A maternidade, nesses casos, pode ser vista como uma ocupação, um papel que dá um sentido à vida da jovem. Na falta de outros projetos de vida, ou frente à dificuldade em vislumbrar a possibilidade de efetivar planos alternativos, a gravidez pode ser percebida pela adolescente como uma forma de reconhecer a si mesma, de marcar seu próprio espaço na família e de ser reconhecida nos seus ambientes de convívio. (DIAS; TEIXEIRA, 2010, p. 129)

É importante, portanto, que o docente leve em conta esses outros aspectos, menos comuns no nosso imaginário, das consequências da gravidez na adolescência. Especialmente porque não cabe ao professor impor seus valores como verdade para os alunos, e que é imprescindível que haja respeito às opiniões que fogem ao senso comum. Lembrar-se destes aspectos não significa encorajá-los a serem mães e pais nesta fase da vida. Pelo contrário, quando partimos do projeto de vida e sonhos daqueles indivíduos, eles terão meios de perceber que esta fase da vida não é a mais propícia para ter filhos. Além disso, não podemos ignorar o fato de que, em muitas turmas, temos alunas mães e alunos pais, e que para estes é desconcertante ouvir apenas aspectos negativos sobre a gravidez e a maternidade/paternidade na adolescência.

Refletindo acerca da construção dos grupos nesta oficina, será que meninos não devem pensar em consequências de uma gravidez para meninas e vice-versa? Entendemos que a construção de grupos mistos não causaria prejuízos ao

desenvolvimento desta atividade, resultando, possivelmente, em discussões ainda mais frutíferas.

Quadro 3: Concepções e consequências da gravidez na adolescência.

Subcategoria	Registros dos alunos
Um/a filho/a impede ou dificulta a realização do sonho	"[...] a minha única felicidade era ver meu filho no fim do dia, que apesar de eu amar, ele estragou minha vida e meus planos." (A13) "[...] perda do ano letivo, desgosto pela vida, dificuldades financeiras." (A20).
Um/a filho/a facilita a realização do sonho	"Como a minha profissão cuida de crianças (pediatra), com a gravidez facilitou muito a comunicação com crianças." (A16).
Vida social e relacionamentos	"A gravidez na adolescência, pode prejudicar [...] sua vida social como sair com amigos ou ir para festas pode ficar mais difícil [...]" (A10) "[...] a chance do seu relacionamento atual dar certo com um filho pequeno, um emprego ruim é muito pequena." (A21) "Finais de semana nunca serão os mesmos, noites tranquilas 'vai ser raro, tempo para você esquece.'" (A22).
Apoio da família	"[...] seus pais podem não apoiar muito essa ideia e te expulsar de casa." (A10).
Responsabilidade do pai da criança	" [...] se você arranjar um filho o seu namorado não vai aceitar o bebê" (A14) "De contar aos seus pais e aos dela?" (A18) "[...] suas obrigações vão aumentar, porque você vai ter que trabalhar para dar o que comer ao seu filho [...]" (A19).
Aborto	"[...] se sua família não aceitar e mandar você 'aborta', você irá sofrer ou seus pais vão te colocar para fora de casa!" (A14) "[...] as meninas, por exemplo, vão fazer de tudo para abortar [...] não aborte e não deixe de amar seus filhos." (A15) "[...] muitas morrem por não ter estrutura para dar luz ao um bebê ou morrem na hora de abortar com hemorragia [...]" (A16)
Planejamento	"Um filho tem que ser uma coisa planejada, não sair para uma balada e voltar grávida." (A11) "Para você cuidar de uma criança, você teria que estar terminando o Ensino Médio, procurar um emprego (...)" (A12)
Adoção	"Se resolver dar 'a' adoção, como vai cuidar para que a criança nasça saudável?" (A18).

Fonte: elaboração das autoras.

Segunda Oficina: Nem Toda Relação Sexual Engravida

O tempo previsto para esta oficina é de 1 hora e 30 minutos. Na prática, também, foram necessárias três aulas para a realização de todas as atividades.

As principais estratégias didáticas utilizadas nesta oficina são a aula expositiva, a discussão em grupo e o jogo de perguntas e respostas (Quadro 4). É possível notar claramente a dimensão biológica da sexualidade. A dimensão sociocultural também é abordada, uma vez que, quando os alunos se colocam a listar as práticas sexuais e trocas de carinhos que eles conhecem, eles irão fazê-lo de acordo com suas vivências, sua cultura, com as experiências que já tiveram, com o que já viram em vídeos na *internet*, na televisão, com o que ouvem nas músicas.

Durante a realização do aquecimento desta atividade, a sala ficou muito agitada, alguns alunos mostraram-se constrangidos com a tarefa e o clima de competição acabou fazendo com que a atividade virasse uma disputa de quem conhece mais posições sexuais. Este momento é bastante agitado e polêmico, talvez por isso, diferente das outras atividades do PVS, esta não é mencionada no Caderno do Professor do Currículo de São Paulo, sendo substituída pela orientação de que o docente encontrará mais informações no livro do professor presente no *kit*. Por outro lado, nesta atividade, os alunos, independente da identidade de gênero e orientação sexual, terão a mesma oportunidade de falar e escrever sobre práticas sexuais, ainda que o objetivo final seja discutir o risco de gravidez.

Quadro 4: Descrição da Oficina “Nem Toda Relação Sexual Engravida” do Projeto Vale Sonhar.

Objetivo	Conhecer os processos de reprodução humana e saber identificar as práticas sexuais de risco.
Composição	4 quadros do sistema reprodutor; 1 envelope com cartões imantados de óvulos e espermatozoides; 3 envelopes com cartões de perguntas e respostas.
Aquecimento	Os alunos devem ser divididos em quatro grupos e listar em uma folha todos os tipos de trocas de carinho e práticas sexuais que conhecem. Em seguida, os grupos devem ler para a classe o que foi escrito. Cada grupo deve, então, classificar as práticas que escreveram em dois grupos: as que oferecem risco de gravidez e as que não oferecem.
Ação do Jogo	Nesta etapa, o professor expõe os quadros do sistema reprodutor e explica como funciona esse sistema, dando destaque para a produção dos hormônios sexuais e dos gametas. Em seguida, o professor deve iniciar o jogo de perguntas e respostas referentes ao sistema reprodutor e às práticas sexuais.
Compartilhar	Os alunos devem reavaliar a lista de trocas de carinho e práticas sexuais quanto ao risco da gravidez.
Avaliação	O professor inicia a discussão com a turma, estimulando os alunos a comentar situações que mais chamaram a atenção, bem como a contar experiências de casais que vivenciaram uma situação de risco para a gravidez.

Fonte: elaboração das autoras a partir das orientações presentes no livro do professor que acompanha o *kit* (VALE SONHAR, 2007).

Analisando os materiais produzidos pelos alunos nesta oficina, ou seja, a lista de práticas sexuais e trocas de carinho, temos que algumas práticas foram listadas com maior frequência (em ao menos três dos quatro grupos), como: beijo, abraço, sexo oral, masturbação, sexo anal, carinho, outras apareceram em um só grupo, como: *fisting*, sadomasoquismo, elogio e “mão boba”. Notamos que os grupos, por estar em uma competição para saber quem conhecia mais práticas, usaram “estratégias” para ganhar o jogo e, eventualmente, mostrar que sabem mais sobre o assunto, como listar posições sexuais, usar termos pouco conhecidos, como o já mencionado *fisting*, a “cavalgada”, a “espanhola” e o “anal giratório”.

Com relação à avaliação do risco da gravidez, os alunos souberam, já na primeira análise, avaliar se havia o risco ou não. Os grupos tinham, ao final da oficina, um momento para reavaliar e mudar de resposta, caso achassem necessário. Nenhum grupo alterou as respostas e todos acertaram as avaliações de risco.

Retomando o objetivo da oficina, que trata de práticas sexuais de risco, (Quadro 4), entendemos que ele é parcialmente atingido, especialmente num contexto em que a gravidez não é o único risco que uma prática sexual pode trazer.

Nas cartas sobre práticas sexuais, não é abordado o risco de contrair IST. Para nós, este seria um momento importante para dialogar com os adolescentes

sobre os riscos aos quais se expõem ao praticar sexo desprotegido. Um momento para falar do aumento do número de casos de Sífilis, HIV e AIDS entre os jovens, para falar que sexo anal e sexo oral também são práticas em que ocorre transmissão de doenças e que o uso da camisinha não deve ocorrer apenas para a prevenção da gravidez, mas de todas as IST. Deste modo, consideramos que esta oficina poderia ser mais significativa, pois abordaria os riscos para todos, independentemente da orientação sexual.

Terceira Oficina: Engravidar é uma Escolha

As principais estratégias didáticas utilizadas aqui foram as discussões em grupo, a avaliação de conhecimentos prévios (e reavaliação) e o jogo de pergunta e resposta (Quadro 5). O tempo de duração dessa oficina também é de duas aulas, entretanto, foram necessárias quatro aulas para sua realização. A dimensão da sexualidade predominante é a biológica, uma vez que o tema é contracepção, assim, só entram em pauta as práticas sexuais entre homem e mulher.

No momento do aquecimento (Quadro 5), foi necessário esclarecer o que significavam os quesitos “eficácia” e “facilidade de acesso”. No entanto, foi possível perceber um envolvimento de todos ou quase todos os integrantes dos grupos. Eles tinham curiosidade em saber quais seriam as próximas cartas que seriam avaliadas. Os alunos diziam que não conheciam boa parte dos métodos que estavam nas cartas, o que nos leva a questionar: como avaliar um método que o aluno desconhece? Uma aluna comentou com os colegas de seu grupo “*Quanta coisa tem! Achei que era só camisinha e pílula do dia seguinte*”.

A frase da menina revela o que já pode ser percebido quando o assunto é prevenção da gravidez: as alunas têm utilizado com frequência a pílula do dia seguinte, inclusive confundindo-a com um método contraceptivo “regular”, não emergencial. A frase demonstra que ela tem mais familiaridade com a pílula do dia seguinte do que com a própria pílula anticoncepcional.

Entendemos que isso é bastante preocupante. É importante sim que as meninas saibam que existe um método emergencial de prevenção, mas conhecem os problemas de utilizá-lo com frequência? Por que este método é mais conhecido do que o anticoncepcional comum? Com que frequência as adolescentes têm feito uso deste método? Por quê? O próprio PVS evidencia este método juntamente com o preservativo, o que também pode ser questionado.

Fazendo uma análise destas fichas, percebemos que o problema mais evidente para seu preenchimento foi que alguns métodos eram desconhecidos pelos alunos, como os hormonais injetáveis, o adesivo, o anel vaginal e o implante, os métodos naturais de temperatura, de muco cervical e de coito interrompido, o DIU, o diafragma e o espermicida. Dessa forma, os alunos acabaram atribuindo notas ao acaso para estes métodos.

Segundo dados de uma pesquisa realizada com adolescentes grávidas por Belo e Silva (2004), os métodos contraceptivos mais conhecidos pelas adolescentes são o anticoncepcional oral, a camisinha, o coito interrompido³ e a tabelinha.

³ Belo & Silva (2004) atentaram para um fato interessante: apenas 3,8% das entrevistadas afirmaram conhecer o coito interrompido como método anticoncepcional; entretanto, quando os entrevistadores utilizaram termos adequados para o entendimento das adolescentes, este número subiu para 59%.

Quadro 5: Descrição da Oficina “Engravidar é uma Escolha” do Projeto Vale Sonhar.

Objetivo	Informar sobre os métodos contraceptivos e promover a aprendizagem sobre o uso dos mesmos, focando o uso da camisinha e da pílula do dia seguinte.
Composição	17 cartões com imagens de métodos contraceptivos; tiro ao alvo, envelopes com perguntas e respostas, envelope com cartões de risco e bloco para avaliação dos métodos.
Aquecimento	A turma é dividida em quatro grupos, que recebem uma ficha de avaliação dos métodos contraceptivos. O professor inicia a atividade com a pergunta: “O que são métodos contraceptivos e para que servem?”. Após os grupos responderem, o professor faz as complementações necessárias, certificando-se que os alunos entendam que são métodos que impedem a gravidez. Em seguida, o professor distribui os cartões de contraceptivos entre os grupos, trocando-os de forma que todos os grupos vejam todos os cartões. Os alunos deverão avaliar os métodos dos cartões atribuindo um valor de 0 a 10 para o quesito “eficácia” e para a “facilidade de acesso para jovens”.
Ação do Jogo	Tem início o jogo de perguntas e respostas. Um aluno inicia esta etapa acertando uma das três cores do alvo. Cada cor é correspondente a um envelope e tem uma pontuação diferenciada. Todos os grupos devem responder na rodada as perguntas referentes à cor que o primeiro aluno acertou. Só então, outro aluno do próximo grupo tentará acertar outra cor. O grupo que errar a pergunta recebe uma carta “risco”, indicando que, não ter a informação correta, seria um fator de vulnerabilidade à gravidez na adolescência – esse grupo perderá pontos.
Compartilhar	Os participantes sentam-se em semicírculo e são estimulados a falar como se sentiram durante a realização da atividade e o que mudou em relação ao que sabiam.
Avaliação	Os alunos devem reavaliar a pontuação dada a cada método contraceptivo no início da atividade. Após esse momento, o professor inicia uma discussão, questionando se houve mudanças na pontuação que os grupos deram a cada método e por quê. O professor solicita também que os alunos escolham o método mais indicado para os adolescentes utilizarem numa relação sexual. O docente deve destacar a importância do uso do preservativo aliado ao anticoncepcional, como um método seguro, para a prevenção de gravidez e de DST ⁴ /AIDS.

Fonte: elaboração das autoras a partir das orientações presentes no livro do professor que acompanha o *kit* (VALE SONHAR, 2007).

A partir destas informações, buscamos fazer uma análise mais aprofundada destes quatro métodos. Iniciaremos pela camisinha. Os alunos atribuíram notas entre 9 e 10 para facilidade de acesso e entre 8 e 9 para a eficácia deste método, mesmo na segunda etapa. Esta nota revela que os alunos, apesar de terem consciência da eficácia deste método, sabem que ele pode falhar - o que não esperam de métodos cirúrgicos, por exemplo, ao qual foram atribuídas notas máximas de eficácia por todos os grupos. Os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2015, confirmam essa credibilidade atribuída à camisinha pelos adolescentes: dos 27,5% dos alunos entrevistados que relataram ter tido relação sexual ao menos uma vez na vida, 66,2% disse ter usado preservativo na última relação (BRASIL, 2016) – número menor, entretanto, que os da pesquisa anterior,

⁴ Terminologia utilizada pelo material.

em que 75,3% dos adolescentes disseram ter usado preservativo na última relação (BRASIL, 2013).

Com relação à pílula anticoncepcional, houve uma variação maior entre as notas atribuídas pelos grupos. Com relação à eficácia, os grupos atribuíram notas entre 8 e 9, também demonstrando que conhecem o método e que ele pode apresentar falhas. Para facilidade de acesso, as notas apareceram em um intervalo entre 6 e 10. Chamou-nos a atenção o fato de que dois grupos diminuíram a nota que haviam dado na primeira etapa, 9 e 8, para 6. Possivelmente, isto aconteceu devido ao fato de que, durante o jogo de perguntas e respostas, enquanto discutíamos acerca do anticoncepcional oral, as alunas foram orientadas a procurar um médico ginecologista para que ele pudesse receitar a pílula e que não é recomendado utilizar um anticoncepcional hormonal sem receita médica.

O método tabelinha teve, em todos os grupos, nota 10 para facilidade de acesso – o que nos mostra que os adolescentes compreendem que é um método que não requer, *a priori*, orientação médica ou que precise ser comprado ou ainda retirado num posto de saúde. Para eficácia, as notas variaram entre 4 e 7, o que consideramos bastante positivo, uma vez que nos mostra que os alunos não veem este método como eficaz. De modo semelhante à tabelinha, o coito interrompido foi avaliado por todos os grupos como de fácil acesso (nota 10) e pouco eficaz, tendo notas entre 1 e 6.

Concordamos, ao menos em parte⁵, com os médicos ginecologistas Giordano e Giordano (2009) ao afirmarem que é importante desencorajar o uso de métodos comportamentais, como a tabelinha e o coito interrompido, pois, segundo os autores, “[...] as alterações menstruais próprias da adolescência e a impossibilidade de restringir o coito para o período não fértil (relações sexuais ocorrem de forma não programada) são responsáveis pelas altas taxas de gravidez” (p. 15).

De um modo geral, os alunos não se mostraram muito animados com esta oficina. Um dos motivos pode ter sido a própria duração da execução das atividades do PVS e o fato de que jogar nas aulas já não era mais novidade. Além disso, a parte que eles acharam mais legal do jogo - o tiro ao alvo - era cheia de regras, perdendo seu aspecto lúdico.

Em seguida, foi solicitado aos alunos que escolhessem o método mais indicado para os adolescentes utilizarem numa relação sexual. Eles responderam de imediato a camisinha e alguns falaram camisinha e pílula anticoncepcional. Aproveitei o momento para enfatizar a importância do uso do preservativo, como um método seguro, para a prevenção de gravidez e de IST/AIDS.

No momento “Compartilhar”, os participantes sentaram-se em semicírculo e foram estimulados a falar como se sentiram após participarem das três oficinas e o que mudou em relação ao que sabiam, conforme as instruções do livro do professor. Poucos alunos falaram, estes disseram coisas como “*Eu gostei.*”, “*Foi da hora.*” e “*Tem coisas que dá vergonha de falar.*”.

Limitações do Projeto Vale Sonhar

Consideramos a inserção do PVS no Currículo do Estado de SP um avanço para a Educação Sexual escolar, no sentido de que vincula a prevenção da gravidez ao planejamento de vida, partindo da concepção já difundida de que a informação

⁵Conforme já abordamos aqui, a gravidez na adolescência se deve a muitos fatores, podendo ser, inclusive, planejada. Assim, apenas o uso de um determinado tipo de método contraceptivo não é o único responsável pelas altas taxas de gravidez.

por si só não basta (BONFIM, 2012; FURLANI, 2011). Entretanto, com base nos resultados encontrados neste estudo, entendemos que há alguns pontos importantes que poderiam ser revistos, em um esforço de aumentar o número de professores que utiliza o PVS em suas aulas e o potencial educativo desta prática.

Algumas das restrições deste *kit* educativo residem no fato de que ele foi produzido para ser utilizado com grupos pequenos de adolescentes, mas está sendo utilizado em escolas com turmas de ensino médio em escolas públicas que têm, em média, 40 alunos. Priotto (2013) recomenda grupos com no máximo 25 pessoas para a realização de oficinas, uma vez que grupos grandes dificultam a ação do educador e a interação com os alunos. Essas dificuldades ficaram evidentes durante a realização das oficinas.

Além disso, ao pensarmos na extensão do currículo de Biologia e em sua carga horária semanal, de duas aulas, constatamos que o PVS requer um número elevado de aulas, para que seja trabalhada apenas a temática da gravidez na adolescência. Nesta pesquisa, para a execução da proposta conforme o livro do professor foram utilizadas 10 aulas, que representam, no mínimo, cinco semanas de trabalho. Trata-se de praticamente um bimestre falando de prevenção de gravidez. Isso não pode ser ignorado ao analisarmos a abordagem da Educação Sexual no Currículo de São Paulo e nos sugere uma intencionalidade, ao enfatizar o controle das taxas de natalidade e de fecundidade, fatores intrinsecamente relacionados às políticas públicas e aos investimentos necessários em educação, saúde e segurança. Assim, entendemos que esta abordagem poderia apresentar uma amplitude maior, abrindo espaço para temas como iniciação sexual, orientação sexual, virgindade, preconceito, discriminação e outras tantas questões importantes e que precisam ser trabalhadas para a formação de cidadãos reflexivos e conscientes de seus direitos e deveres.

Outra questão importante é o docente que, além de não ter participado do processo de escolha do material de nenhuma forma, também não foi preparado para realizá-lo com seus alunos. Lembrando que a formação inicial e continuada dos docentes para a educação em sexualidade, como já relatado por diversos autores (FIGUEIRÓ, 2014; LEÃO et al., 2010; NUNES; SILVA, 2006) é muito incipiente e que, nesse caso, a orientação para o uso do material é de grande importância.

Com relação ao conteúdo do PVS, compreendemos que há algumas fragilidades. A primeira é que a abordagem da sexualidade neste material é, majoritariamente, biológica, deixando de lado os aspectos socioculturais e psicológicos, tão relevantes para a construção da sexualidade humana quanto o primeiro. Dessa abordagem biológica partimos para a segunda fragilidade identificada, sua abordagem heteronormativa. A escola, como microcosmo da sociedade, reflete essa pluralidade na identidade de gênero de cada adolescente, na orientação sexual, na construção da sexualidade e no conceito de família que cada pessoa traz. Assim, os materiais didáticos deveriam também conter essa diversidade, ou acabam por não contemplar as necessidades que temos nesse âmbito.

Contudo, entendemos que a ausência de problematização das relações sexuais desprotegidas como fator de risco para IST/AIDS é a maior fragilidade do material. O PVS dá um enfoque grande à prevenção da gravidez e não faz uso deste espaço tão propício para trabalhar concomitantemente a prevenção de IST, lembrando que os casos de sífilis congênita (BRASIL, 2018a), HIV e de AIDS entre jovens vêm crescendo em nosso país (BRASIL, 2018b) e a escola tem um importante papel na conscientização dos jovens com relação a essa questão.

5. Propostas de alterações no PVS com base em uma prática de educação sexual de cunho emancipatório

Com base nestas e em outras limitações que, na prática da sala de aula, encontramos neste material, surgiu a ideia de propor uma forma complementar de utilização deste projeto. Assim, apresentamos algumas sugestões de alterações na condução da proposta, visto que o PVS está disponível para os professores do ensino médio da rede estadual paulista.

Inserção da confecção de um Projeto de Vida

Segundo o livro do professor do PVS, “[...] ter um projeto de vida é planejar o que se pretende alcançar em curto, médio e longo prazo.” (VALE SONHAR, 2007, p. 30). Para os adultos esse planejamento pode ser bastante simples, entretanto, para os adolescentes é preciso um suporte da escola, da sociedade e da família, tanto para a identificação desse sonho quanto para o “desenho” de um projeto de vida.

Inicialmente, antes da realização das oficinas do PVS, acreditamos ser importante que o docente trabalhe projetos de vida com os alunos de forma mais aprofundada, uma vez que, ao realizar as oficinas com os alunos, muitos deles referiram não pensar em um sonho de vida profissional. A ideia é propor que os alunos montem uma pasta com vários itens de uma pesquisa acerca dos sonhos que possuem.

A primeira parte deste material poderia conter uma pesquisa sobre profissões que eles gostariam de ter, desde o aspecto da formação acadêmica até remuneração e mercado de trabalho. Além disso, os alunos devem ser orientados a pesquisar sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o Sistema de Seleção Unificada (SiSU) e outras formas de ingresso do aluno em universidades públicas ou privadas.

O professor deve incentivar os alunos que têm sonhos que não demandam uma formação acadêmica, como o de ser jogador de futebol ou modelo, a também realizar a pesquisa. Afinal, não cabe ao docente julgar se o sonho do adolescente é ou não pertinente ou possível de ser realizado. Além desta pesquisa, o professor pode solicitar ao aluno que inclua em seu projeto a entrevista com um profissional das carreiras que escolheu, a fim de que o aluno conheça o dia a dia daquela profissão.

A segunda parte do portfólio é referente à família. A ideia é que o adolescente coloque no papel como gostaria que fosse a família dele. Em seguida, poderíamos incluir no projeto uma parte dedicada às viagens, intercâmbios, atividades religiosas e outros projetos pessoais, além de atividades de lazer, esporte e cultura.

O objetivo deste portfólio é que o aluno reflita sobre o que deseja para si, seus sonhos e projetos. E mais do que isso, que ele perceba possibilidades de realização destes sonhos, quais caminhos trilhar para alcançar suas metas. Entendemos que os adolescentes, em especial nas escolas públicas, não são estimulados a isso, e que essa falta de planejamento reflete negativamente em suas ações.

Para que a primeira oficina do PVS efetivamente tenha resultados, pensamos que esse trabalho prévio seja essencial. Desse modo, na aula em que o professor for iniciar a realização das oficinas, ele poderia fazer um bate-papo com os alunos

sobre a pesquisa que realizaram, destacando a importância de ter sonhos e de traçar caminhos para realizá-los.

Sugestões para a realização da 1ª Oficina do PVS

Pensamos em uma forma de tornar mais inclusiva a experiência de imaginar o impacto da gravidez em seu projeto de vida, independente da orientação sexual. Para tanto, seria interessante propor que o teste positivo e a bexiga possam representar as mais diversas situações em que o resultado seja a/o adolescente cuidando de um bebê: a gravidez, um amigo muito querido que deixou a guarda da criança para aquele aluno ou um bebê que a justiça determinou que a partir daquele momento seria filho daquele adolescente, algo que o fizesse refletir sobre a responsabilidade da maternidade e da paternidade.

É importante o professor frisar que, ao fazer a viagem, os alunos precisam imaginar-se na situação de pai ou mãe daquela criança, e não podem esquecer que o tempo passa para os dois, o bebê cresce e vai tendo necessidades diferentes. Ao fazer a viagem, o professor poderia dizer idades, ao invés de anos.

Outra sugestão é dividir a sala em oito grupos mistos, e que discutam acerca das consequências da gravidez na adolescência para meninas e meninos. Após a discussão em grupos, esta é aberta à turma e os alunos produzem um ou dois cartazes, com as principais consequências. Esses cartazes podem ser expostos na escola.

Sugestões para a realização da 2ª Oficina do PVS

Esta oficina deve ter início com uma aula de sistema reprodutor humano. Sugerimos uma aula com apresentação de slides, evidenciando os órgãos do sistema reprodutor e suas funções, abordando a liberação de hormônios sexuais e sua relação com a puberdade e a adolescência; abordar também sobre ovulação, menstruação e fecundação.

Na etapa seguinte, ao invés de propor uma competição entre grupos, sobre as práticas sexuais e trocas de carinho que conhecem, propomos uma alteração, pensando nas limitações práticas desta atividade e levando em consideração a importância desta etapa. Para Figueiró (2006), essa estratégia oferece bons resultados com adolescentes, ao promover uma dessensibilização pela palavra. Segundo a autora, “Isso desmistifica e parece diminuir a ansiedade e o interesse em ficar usando termos ‘pesados’, muitas vezes, para provocar a professora.” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 6). Para tal, sugerimos que o docente crie um clima de conversa com os alunos, questionando quais termos costumam utilizar para partes eróticas do corpo, para as práticas sexuais e trocas de carinho. Um aluno pode se voluntariar para escrever esta lista na lousa. O professor pode aproveitar este momento para fazer acordos importantes como, por exemplo, os termos adequados para se usar em sala de aula.

Em seguida, os alunos devem reunir-se em grupos de cinco ou seis alunos. Os grupos devem ser instruídos a classificar em uma folha cada item escrito na lousa referente às práticas sexuais e trocas de carinho quanto a dois critérios: 1) julgando se aquela prática apresenta risco ou não de gravidez e 2) se aquela prática apresenta ou não risco de contaminação por IST. Este último critério não está previsto no PVS, mas entendemos que este é um momento muito oportuno para tratar do assunto.

Após esta etapa, o professor pode iniciar o jogo de perguntas e respostas. Recomendamos que o professor leia todas as cartas antes do jogo e retire aquelas que achar que não são adequadas ou que sejam irrelevantes neste momento. O docente pode também inserir novas cartas abordando questões que considere importantes como, por exemplo, IST, virgindade, consentimento, entre outros.

Sugestões para a realização da 3ª Oficina do PVS

Para esta oficina, o professor deve preparar uma aula sobre métodos contraceptivos. No *kit*, há cartas com as imagens de cada método, que podem ser utilizadas nesta aula. Sugerimos que, durante a explicação, o professor ressalte os pontos positivos e negativos destes métodos, bem como sua eficácia e facilidade de acesso. Como estamos lidando com adolescentes, entendemos que é importante ressaltar os métodos que são mais próximos e mais eficazes para este grupo.

Uma alteração, visando manter a ludicidade da atividade, é a forma de utilização do tiro ao alvo. Sugerimos que seja feita de forma mais livre, em que cada participante do grupo que vai tentar acertar o alvo preocupe-se, apenas, em acertar o centro (vermelho), por ser a cor que dá maior pontuação. Da mesma forma que sugerimos anteriormente, o professor também poderia selecionar algumas cartas que sejam mais relevantes, bem como usar a criatividade e formular novas cartas, discutindo, por exemplo, os riscos do uso frequente da pílula do dia seguinte.

6. Considerações Finais

O Projeto Vale Sonhar apresenta-se como um material didático interessante para o trabalho de Educação Sexual nas escolas, em especial, quanto à temática da gravidez não planejada, como já apontado por Furlani (2011). Concordamos com esta autora, que a maior contribuição está na inserção da reflexão sobre as consequências da gravidez no planejamento de vida dos adolescentes. Entretanto, como abordamos neste texto, há algumas limitações que poderiam levar a não utilização deste material por parte dos professores da rede estadual paulista.

Neste trabalho, analisamos a implementação desta proposta em sala de aula, os problemas encontrados e apresentamos sugestões de complementação e alterações, visando uma prática docente em uma abordagem emancipatória da Educação Sexual. A nosso ver, sua contribuição para a Educação Sexual escolar é a vinculação da prevenção da gravidez ao planejamento de vida. Os adolescentes sabem que têm que usar preservativo, mas continuam engravidando. Além disso, o PVS tem potencial para extrapolar seu objetivo inicial de prevenção da gravidez na adolescência, pois ao iniciarmos uma conversa em sala de aula sobre sexualidade, facilmente, surgem outras dúvidas e demandas por parte dos alunos. Este momento é enriquecedor e deve ser aproveitado.

Em nossas sugestões, buscamos explorar este potencial e incluir questões importantes nas oficinas, como o projeto de vida do adolescente, a prevenção de IST, a virgindade, a diversidade e a violência sexual, com a intenção de enriquecer as aulas de Educação Sexual, trabalhando tais questões de forma lúdica.

Esperamos, assim, oferecer recursos para que os docentes de Biologia da rede estadual paulista incluam em seu planejamento e em suas aulas a utilização do PVS, trabalhando a Educação Sexual com seus alunos de forma integral, abordando não só os aspectos biológicos da sexualidade, como também os psicológicos e socioculturais e adaptando os recursos ao seu contexto, sempre que necessário.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977, 223 p.
- BELO, M. A. V.; SILVA, J. P. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. **Revista de Saúde Pública**, 38 (4), 479-486. 2004.
- BONFIM, C. **Desnudando a educação sexual**. Campinas: Papirus. 2012, 144 p.
- BRASIL. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro: IBGE. 2013. 131p.
- BRASIL. **Síntese de Indicadores Sociais: uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira – 2015**. Rio de Janeiro: IBGE. 2015. 134p.
- BRASIL. **Boletim Epidemiológico - Sífilis**. Brasília: Ministério da Saúde – Secretaria de Vigilância em Saúde. 2018a. 48p.
- BRASIL. **Boletim Epidemiológico – HIV AIDS 2018**. Brasília: Ministério da Saúde – Secretaria de Vigilância em Saúde. 2018b. 72p.
- BRASIL. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro: IBGE. 2016. 131p.
- CHALEM, E.; MITSUHIRO, S. S.; FERRI, C.P.; BARROS, M.C.M; GUINSBURG, R.; LARANJEIRA, R. Gravidez na adolescência: perfil sócio-demográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, 23 (1), 177-186. 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007000100019>
- DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. Gravidez na Adolescência: um Olhar sobre um Fenômeno Complexo. **Paideia**, 20(45), 123-131. 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2010000100015>
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, 7 (1), 1-21. 2006.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. 2. ed. Londrina: Eduel. 2014. 400p.
- FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2011. 192p.
- GIORDANO, M. V.; GIORDANO, L. A. Contracepção na Adolescência. **Adolescência & Saúde**, 6 (4), 11-16. 2009.
- GREENBERG, J. S.; BRUESS, C. E.; OSWALT, S. B. **Exploring the dimensions of human sexuality**. 5. ed. Burlington: Jones & Bartlett Learning. 2014. 793p.
- KAPLAN. **Vale Sonhar**. (2016). Disponível em: <<http://kaplan.org.br/institucional/sec/vale-sonhar>>. Acesso em: 17 de outubro de 2019.
- LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M.; BEDIN, R. C. Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. **Linhas**, 11(1), 36-52. 2010.

MELO, S. M. M. **Educação e Sexualidade**: caderno pedagógico. 2.ed. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB. 2011.

NASCIMENTO, I. P. Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações. **Imaginário**, 12 (12), 55-80. 2006.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados. 2006. 144p.

OPS; UNFPA; UNICEF. Acelerar el progreso hacia la reducción del embarazo en la adolescencia en América Latina y el Caribe. **Informe de consulta técnica**. (29-30 agosto 2016, Washington, D.C., EE. UU.). 2018. 56p.

PRIOTTO, E. P. **Dinâmicas de grupo para adolescentes**. 7. ed. Petrópolis: Vozes. 2013. 312p.

VALE SONHAR: **Livro do professor**. Instituto Kaplan. Vários autores; coordenação Maria Helena Brandão Vilela. São Paulo: Trilha Educacional, 2007.

VIEIRA-ANTONIASSI, P.; MIRANDA, M. A. G. C. de. O professor de Biologia e o Projeto Vale Sonhar: limites e possibilidades em uma perspectiva emancipatória da educação sexual. **Anais [do] III CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES e do XIII CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES**: por uma revolução no campo da formação de professores. UNESP/Prograd, v. 3, p. 3942-3953, 2016.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas: Autores Associados. 1998. 218p.

YAZLLE, M. E. H. D. Gravidez na adolescência. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, 28 (8), 443-445. 2006.

Agradecimentos

Agradecemos à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo pela concessão de bolsa de mestrado para a primeira autora deste trabalho.

Contribuição dos autores

Autora 1: Concepção, trabalho de campo, obtenção dos dados, análise, interpretação dos dados, redação e revisão final.

Autora 2: Contribuição substancial para a concepção, análise, interpretação dos dados, redação e revisão final.

Enviado em: 31/outubro/2019 |Aprovado em: 09/dezembro/2019